

apresentação

presentation

O número atual da *História Econômica & História de Empresas* apresenta contribuições novas e originais de autores nacionais e estrangeiros a debates na área de história econômica do Brasil, com incursões pela Argentina, Paraguai e Índia. De início, agradecemos ao trabalho competente de toda uma cadeia editorial necessária à produção da revista – autores, editores, pareceristas, revisores e diagramadores – que permite manter os bons níveis de qualidade acadêmica da revista.

Os dois artigos iniciais apresentam o interesse dos pesquisadores brasileiros pelo aprofundamento na história econômica dos países *hermanos*, incorporando temáticas e promovendo intercâmbios com a extensa produção historiográfica hispanófila, ainda insuficientemente valorizada nos circuitos acadêmicos nativos.

O artigo “A circulação monetária no vice-reinado do Rio da Prata (1776-1810)”, de Alexandre Jeronimo de Freitas, aponta uma perspectiva instigante para compreender a formação do espaço monetário platino no período colonial tardio, abordando-o a partir das cadeias de financiamento do aparato fiscal-militar com a separação administrativa do Peru. Ademais, o autor também vincula a formação desse espaço monetário às cadeias privadas de crédito geradas pela intensificação das trocas mercantis ocorrida com as medidas de livre comércio no império espanhol. De forma geral, o autor parte de uma compreensão mais ampla de moeda, para além da circulação metálica, e inclui os meios de pagamento públicos e privados.

Em seguida, o artigo “Relações de trabalho na formação histórico-econômica do Paraguai”, escrito em conjunto por Cláudia Vera da Silveira, Fabrício José Missio e Rosele Marques Vieira, traz uma visão panorâmica da evolução das formas de trabalho no Paraguai desde o período colonial até o início do século XX. O predomínio da agricultura e de relações de trabalho servis, primeiro sob a *encomienda*, depois

sob controle estatal, marcaram a história do país até a grande guerra da Tríplice Aliança. Ao longo do século XX, ainda que o restrito mercado de trabalho livre do período anterior tenha sido bastante ampliado, a criação de um código de legislação trabalhista ocorreria apenas em 1961.

Em “Público e privado: as políticas e os planejamentos da Secretaria de Agricultura, Comércio e Obras Públicas em relação à *Sorocabana Railway Company*”, os autores Lucas Mariani Corrêa e Eduardo Romero de Oliveira dedicam-se a esmiuçar as conflituosas relações entre a administração do governo e uma empresa do setor de transportes no estado de São Paulo durante a I República. Na análise dos autores, embora a proposta inicial da Secretaria de Agricultura, Comércio e Obras Públicas tivesse nas ferrovias um dos eixos centrais para a realização do planejamento, os intentos de maior controle estatal esbarrariam na atuação das empresas privadas, articuladas pela *holding* estrangeira da *Brazil Railway Company* conduzida por Percival Farquhar. Os conflitos entre o estado paulista e a gestão da *Sorocabana Railway Company* conduziriam à retomado do controle pelo governo, permitindo-lhe auferir volumosos lucros. De forma geral, o artigo mostra a complexidade das diferentes conjunturas presentes nas articulações entre agentes públicos e privados na condução do crescimento capitalista em São Paulo.

O artigo seguinte detém-se também sobre a história econômica paulista, mas se concentrando no tema do trabalho na segunda metade do século XX. “Do café à cana-de-açúcar: o impacto das transformações econômicas nas relações de trabalho na microrregião de Ribeirão Preto (SP), entre 1945 e 1985”, de autoria de Iliane Jesuína da Silva, Jorge Henrique Caldeira de Oliveira e Lélío Luiz Oliveira, aponta as transformações nas relações de trabalho em uma localidade economicamente bastante expressiva e relevante do interior paulista. O período considerado pelos autores assistiu ao declínio do cultivo cafeeiro, e em menor grau do algodão e do arroz, e à ascensão da cana de açúcar, seguida do milho, no estado de São Paulo. Em particular, em poucas décadas, a região de Ribeirão Preto passou do café à produção açucareira, com a forte presença de trabalhadores temporários na lavoura canavieira, expressa pela redução de colonos e o incremento da proporção de trabalhadores diaristas e mensalistas.

Os demais artigos da presente edição ocupam-se principalmente de temáticas vinculadas à história da indústria e da industrialização, abar-

cando o desenvolvimento de diversos setores no Brasil, Argentina e Índia em períodos mais recentes.

O artigo “A evolução institucional das indústrias farmacêuticas indiana e brasileira revisitadas” de Ricardo Torres e Lia Hasenclever traz uma contribuição significativa sobre uma indústria específica – o setor farmacêutico – ganhando em amplitude com o recurso à análise comparativa com a indústria indiana ao longo da segunda metade do século XX. Por si só, a comparação entre as economias em desenvolvimento do Brasil e da Índia merecia destaque, dada a escassez de trabalhos semelhantes em outros temas também. Bem abalizados pelo referencial teórico institucionalista em economia industrial, os autores apontam as trajetórias institucionais divergentes dos dois países no tocante às políticas públicas e às atitudes empresariais quanto a melhoria tecnológica no setor farmacêutico. A conclusão do artigo indica a política mais agressiva e mais nacionalista de acumulação e absorção tecnológicas na indústria farmacêutica indiana quando comparada à brasileira.

Por sua vez, o artigo “Los grupos económicos argentinos y la respuesta frente al arribo de las empresas multinacionales en los la década de 1990. El caso de Madanes en la producción de aluminio” de Marcelo Rougier e Alejandro Gaggero analisa, em meio a conturbada história econômica argentina dos anos 90, as razões do sucesso na política de exportação de produtos manufaturados de origem industrial pela único grupo empresarial argentino produtor de alumínio. Para os autores, as estratégias de integração vertical, diversificação produtiva, concentração dos negócios e participação nos processos de privatização foram cruciais para o êxito alcançado pela empresa, em nítido contraste com as perdas observadas no mesmo período em outras empresas argentinas no setor de produção de insumos industriais.

O artigo de Maurício Espósito, “Industrialização brasileira, diversificação produtiva e consolidação da dependência externa: uma análise a partir da perspectiva da formação nacional”, apresenta uma perspectiva geral e de longo prazo para o estudo das especificidades da industrialização brasileira ao longo do século XX, apoiando-se sobretudo nas interpretações clássicas sobre o tema, especialmente a obra de Celso Furtado.

Por último, o artigo de William Eufrásio Nunes Pereira e Ana Cristina Santos Morais, “Breves notas sobre desenvolvimento, planejamento

e desigualdades regionais no Brasil” também contribui para uma visão mais panorâmica do papel do planejamento econômico nas transformações das últimas décadas da economia brasileira. Os autores indicam o processo de desconcentração parcial dos empregos e das atividades produtivas, ante a uma situação anterior de grande predomínio do Sudeste.

A última seção da revista apresenta uma pequena homenagem a Emília Viotti da Costa, escrito por Maria Alice Rosa Ribeiro, a quem agradecemos a gentileza de nos permitir publicá-lo na presente edição. Os estudos pioneiros e profundos de Viotti da Costa, tão caros à temática da escravidão brasileira e seu ocaso, certamente permanecem como marcos interpretativos a todos os historiadores brasileiros. Radical no melhor uso do termo, em ir na raiz dos eixos principais da formação histórica do país, sua trajetória intelectual testemunha a violência política e a truculência do exílio que tanto marcou a produção acadêmica dos anos 60 e 70, com efeitos talvez pouco avaliados até os dias atuais.

Por fim, o texto de Cláudia Alessandra Tessari, exímia editora da nossa revista entre 2012 e 2015, apresenta um balanço circunstanciado das origens, desenvolvimentos e desafios que permearam (e ainda permeiam) a produção da *História Econômica & História de Empresas*. Agradecemos muitíssimo a Cláudia pelo excelente texto e não poderíamos ter uma melhor forma de celebrar, inclusive criticamente, o encerramento de vinte edições da revista que atestam a vitalidade da história econômica brasileira.

Como sempre, desejamos a todos uma boa leitura!

Comissão Editorial